

CONEXÕES ENTRE SABERES E GÊNEROS DISCURSIVOS EM TESES ACADÊMICAS SOBRE FORMAÇÃO DE LEITORES

PAULINO, Maria das Graças Rodrigues – UFMG – grpaulino@uaivip.com.br

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n.10

Agência Financiadora: CNPq

São inúmeros os trabalhos de diversos campos da Filosofia e da Ciência que, desde há muito, vêm tentando pensar os modos de constituição e de manifestação dos saberes humanos. Esses trabalhos, de natureza epistemológica ou metacognitiva, podem tanto remeter ao pensamento filosófico de Platão quanto às ciências modernas. Se passarmos por Foucault (1986), já distante das formações discursivas em conflito da *episteme* grega, cuja fundação do pensamento filosófico se fez às custas do estabelecimento de rígidas fronteiras para com o pensamento mítico e sua natureza narrativa, chegamos ao questionamento da linearidade, em nome da fragmentação, do entrecruzamento possível de formações discursivas, cujas condições de produção definem todo um sistema sóciopolítico e econômico, como o da modernidade.

Por seu lado, a Psicologia Social, por exemplo, conseguiu romper alguns limites que separavam psicólogos e sociólogos no que diz respeito às origens dos saberes. De certo modo, poderíamos atribuir a Vygotsky (1987) a refundação de um olhar voltado para a mente humana sem que se precisasse separá-la dos fatos e experiências sociais. Por outro lado, um contemporâneo e conterrâneo seu, Mikhail Bakhtin (1979), puxou pela linguagem as pontas da origem e da manifestação do que constitui socialmente os indivíduos, trabalhando com seu “anel de Moebius”: não haveria dentro e fora dicotomicamente separados, assim como direito e avesso. Seriam a mesma superfície, quando a vemos em trânsito. Ao fixar seu olhar sobre a linguagem, Bakhtin ultrapassa também a questão platônica de um mundo das idéias como origem, seguida de sua manifestação material, lingüística, negando-se a imobilizar separadamente o pensamento como origem e a linguagem como sua representação imperfeita e considerando as próprias idéias como signos sociais, inevitavelmente linguagens, atravessadas pelas ideologias, como todas as produções da sociedade.

Entretanto, Bakhtin (1992), ao negar-se a considerar abstratamente a linguagem, não deixa de construir também uma teoria concreta dos gêneros discursivos, estabelecendo que estes

seriam modos de conhecimento diversificados pela própria vida social, na medida em que esta permite experiências e procedimentos de naturezas diferenciadas. Se Bakhtin não vê o conhecimento como ponto de partida da linguagem nem como capacidade individual menor ou maior de resolver problemas, considera aquele como ingresso num mundo partilhado, ingresso este que se daria desde o nascimento, através de gêneros discursivos que ele denomina “primários”, no sentido de “primeiros”, gêneros constituídos na vida social imediata, no cotidiano, especialmente em formas orais de interação verbal. Os saberes trocados através desses gêneros dizem respeito a experiências sensíveis, a suposições, especulações e memorizações com certo grau de rapidez associado ao não-planejamento prévio. As narrativas do cotidiano estariam aí situadas, nesse universo familiar, fluido, fluente, próprio das vidas humanas. Já os gêneros secundários, tal como o científico e o filosófico, só adquirem função social e, portanto, existência concreta, quando replicam os primeiros, com eles dialogando.

Jerome Bruner (2001), numa perspectiva própria da Psicologia Social, distingue a narrativa como uma forma de constituição das identidades coletivas, correspondendo a um pensamento, ou um saber, narrativo por natureza, e crucial para a construção das vidas humanas e do mundo. Ele afirma, na esteira de Roland Barthes (1982), que construímos nossas origens sociais e nossas crenças em forma de narrativas, que diferem de uma cultura para outra, mas se encontram sempre presentes, em qualquer espaço e tempo socialmente organizados. A par dessa construção narrativa de mundo e de si, os seres humanos lidariam também com um pensamento lógico, científico, na vida social. Lévi-Strauss (1963), ao estudar os saberes dos índios brasileiros, encontrou entre eles uma estruturação científica de complexidade e caráter dedutivo no que se denominava “pensamento selvagem”. Hoje a própria Antropologia se incumbiu de rever o eurocentrismo que limitava a ciência à parte ocidental, “civilizada”, da humanidade. Para Bruner, o ocidente moderno, ao separar o pensamento lógico do narrativo, numa racionalidade platônica, teria cometido um equívoco que tornou a aprendizagem da ciência distante da vida concreta dos sujeitos, ao lidar com conceitos desvinculados de significados culturais básicos, em nome de um saber que, em vez de integrar os membros de uma comunidade, afasta-os desta, opondo-os à vida cotidiana e à sua história. São perceptíveis as ligações entre o pensamento de Bruner e o de Bakhtin com relação à valorização de saberes/discursos populares.

Entretanto, um aspecto complexo e que sempre é tratado de modo pouco preciso e raramente ligado à funcionalidade lingüística e a seus desdobramentos ideológicos é o das relações entre diferentes saberes/discursos, especialmente quando se trata da hibridização entre o científico e o narrativo. O pensador português Antonio Nóvoa, na coletânea intitulada *Vidas de professores* (1988) apresenta os riscos que a abordagem biográfica representaria para a pesquisa científica na área da Educação: “frágil consistência metodológica, ausência de validade científica, esvaziamento das lógicas sociais numa excessiva referência aos aspectos individuais e incapacidade de apreender as dinâmicas coletivas da vida social.” (p. 19) Pierre Bourdieu(1986) também se encarregou de insistir nas dificuldades de se construir uma história individual de vida, devido às singularidades de cada indivíduo. Disse ele que “somente uma ilusão retórica possibilitaria uma ilusão biográfica”(p.186). O que se explicita nos trechos citados é a defesa que os dois pensadores fazem de uma cientificidade que estaria em situação de risco caso se aproximasse do narrativo. O racionalismo puro mais uma vez estaria repudiando o mítico, desconsiderando o caráter de “saber” que este apresenta ?

Aspectos interdiscursivos têm sido estudados, como o fizeram, entre outros, Courtine e Maingueneau, na *Análise do Discurso*. Tais aspectos envolvem tanto o nível microtextual quanto o macrotextual e o interlocutório, sem a preocupação de definir de fato um gênero discursivo híbrido, quer precedente, quer conseqüente. Maingueneau (1989) cita Courtine ao desenvolver este uma crítica à noção fechada de formação discursiva, alegando que se deve, ao contrário, partir do interdiscurso que “consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento”. (p. 113) Entretanto, Courtine não analisa as enunciações, mas as condições de possibilidade de enunciados. A hibridização, quando se situa entre formações discursivas e não apenas nas dimensões textuais, exige que se leve em conta o sistema social como definidor dessas condições de possibilidade, em suas regularidades e movimentos contraditórios, pois é este que se dissemina discursivamente.

Voltando a outra dimensão das teorias bakhtinianas, importa destacar que a polifonia pode ser entendida como fusão de diferentes níveis axiológicos, textuais e sociais da enunciação. Se esta não pode ser atribuída a um indivíduo isolado, seu desdobramento, que Bakhtin

denomina réplica, é inevitável. Resta saber quais as manifestações reconhecidas e já legitimadas de hibridismos discursivos que circulam em nossa sociedade, quando muitos são ainda definidos por caracteres hegemônicos, que impedem produtores e leitores, com seus saberes partilhados, mas sempre incompletos e diferenciados, de enxergar alguns dos processos de hibridização em curso.

Tentarei, neste trabalho, caracterizar alguns modos de conexão, que chamo de estratégias de coordenação, e alguns modos de rebaixamento, que chamo de estratégias de subordinação, nas relações cognitivas-discursivas-textuais estabelecidas em duas teses de doutorado, uma da área de Educação e outra de Letras, que tratam da formação de leitores e levam em consideração os relatos destes, a ponto de citá-los sistematicamente no corpo de cada um dos textos científicos que se constituem. Minha hipótese é a de que, se predominam as estratégias enunciativas de coordenação, institui-se um gênero híbrido em que dialogam em pé de igualdade o que Bakhtin e Bruner denominaram discurso “popular”, representado por narrativas espontâneas, e o acadêmico, textualmente marcado por demonstrações e argumentações, sem que ambos se excluam ou se hierarquizem, embora isso possa ocorrer em outro momento, nos processos de recepção acadêmica dessas teses. Não se encontra aqui a preocupação de defender uma qualidade de produção científica que exigiria do pesquisador o tratamento “adequado” do saber narrativo, posto a serviço da cientificidade discursiva. Não há a preocupação de entronizar um tipo de saber, mas de verificar as possibilidades de configurarem um procedimento híbrido merecedor de atenção no contexto da Pós-Graduação brasileira.

Uma enunciação científica do porte de uma tese de doutorado tem, necessariamente, diversos desdobramentos intertextuais explícitos, o que caracteriza o enquadramento de uma enunciação por outra, que Bakhtin (1988) denomina “formas de representação do discurso de outrem”, distinguindo o discurso direto, o indireto e o indireto livre. Entretanto, a própria concepção de linguagem desse pensador deixa abertura para trabalharmos as “palavras sob as palavras”, ou a intertextualidade implícita trabalhada por Kristeva (1969) para evidenciar, com base também em Bakhtin, que todo texto é, de fato, uma tecitura infundável, sem origem ou fim que possam ser definidos ou marcados além da materialidade lingüística.

Não desejando ignorar interditos e entreditos, pelas próprias dimensões restritas deste trabalho nos ateremos às relações explícitas entre as enunciações próprias do texto científico e as enunciações “diferentes”, cujos enunciados são narrativas não-acadêmicas, que aquele traz à tona. Se temos de tentar uma classificação das aberturas intertextuais explícitas, diríamos que uma enunciação científica, além de seus próprios enunciados demonstrativos/argumentativos, emoldura, entre outras:

- a) citações, alusões e referências legitimadas pela canonização científica da área;
- b) citações, alusões e referências de caráter histórico que funcionam como suportes legitimadores do próprio discurso científico em produção;
- c) citações, alusões e referências que repetem o texto-base, num paralelismo também reforçador;
- d) citações, alusões e referências questionadas, funcionando argumentativamente como negação prévia a refutações (polemização interna de caráter retórico);
- e) citações, alusões e referências do *corpus* discursivo que se constituiu na pesquisa.

Os dois trabalhos observados são o de Fabiane Verardi Burlamaque, intitulado *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura*, orientado pela Prof.a Regina Zilberman na Pós-Graduação em Letras da PUCRS, defendido em dezembro de 2003, e o de Aracy Alves Martins, intitulado *Escolarização da literatura entre ensinamento e mediação cultural*, orientado pela Prof.a Magda Soares na Pós-Graduação em Educação da UFMG, defendido em 2000.

As teses que se voltam para a formação de leitores e/ou de professores tendem a enunciar também a própria história de formação do autor. Em oito teses lidas e analisadas, apenas duas não faziam referência ao processo pessoal de formação, sendo que quatro delas narravam também o desenvolvimento da pesquisa: como surgiu a temática no horizonte científico do pesquisador a partir de experiências cotidianas de vida, de profissão, como se foi desenvolvendo a aproximação para com o universo pesquisado, que dúvidas cercaram o processo etc. Esses trechos, que poderíamos denominar autobiográficos, podem aparecer não só no texto da tese, como também podem deslocar-se para os paratextos: agradecimentos, dedicatórias, epígrafes. O trabalho de Fabiane Burlamaque, cuja

Introdução se inicia com a narrativa de sua experiência de pesquisa no Mestrado, apresenta antes três páginas de agradecimentos que, se começam pela CAPES, terminam por envolver a filha que “com amor e alegria, compreendeu todas as minhas ausências, dando-me a força de que precisei (...).

Entretanto, os enunciados autobiográficos no texto se justificam cientificamente, pois compõem o quadro argumentativo do trabalho. Trata-se de narrativas organizadas, recortadas, selecionadas pela sua importância no texto científico como um todo. O que nos interessaria para caracterizar uma possível hibridização é a voz do outro, as enunciações “estranhas” emolduradas. A tese de Burlamaque assume, desde o título, que seu intuito é focalizar histórias de vida. São três gerações de mulheres de cinco famílias de Passo Fundo, quinze vidas ao todo, que, relatadas, permitiriam entender “a construção histórica, os modos próprios e particulares que constituíram as vidas das mulheres como leitoras”. O Resumo se completa:

Assim, ao reconstruir a história da leitura que envolve mães, filhas e netas pertencentes a uma mesma família, foi possível traçar um perfil dessas leitoras e constatar seus diferentes modos de interação com a leitura em vários períodos de suas vidas, assim como permitiu a construção de um panorama capaz de explicitar os materiais de leitura em circulação, os modos de transmissão, divulgação e socialização da leitura, espaços, estratégias de trocas dos impressos, as práticas adotadas por elas e a diversidade de competências e de modalidades de leitura.

Ainda na Introdução, Burlamaque justifica a intromissão de um tipo “primário” de narrativa em seu trabalho científico, explicando, na página 16, que “as lembranças são narradas em linguagem cotidiana, num discurso em que, quase sempre, as rupturas e descontinuidades da memória marcam a despreocupação com a narrativa cronologicamente organizada.”

Mas vejamos como são introduzidas essas narrativas despreocupadas. O primeiro capítulo, ao traçar a história de Passo Fundo desde sua fundação, faz uso de relatos escritos de historiadores e situa os programas desenvolvidos para incentivar a leitura no município, a partir do século XX, não deixando de fazer referência às leituras femininas próprias do século XIX, com suas personagens clássicas, como Luísa, de *O Primo Basílio*, leitora de Alexandre Dumas, ou como Emma Bovary, de Flaubert, ambas vítimas de leituras que as

tiraram da realidade, subvertendo a vida familiar. Tais observações são usadas para explicar por que, no interior do Brasil, quando as mulheres tinham acesso a impressos, estes eram antes fiscalizados por homens zelosos. São citadas pesquisas sobre a questão do confinamento cultural feminino e, ainda no primeiro capítulo, Burlamaque volta à sua escolha metodológica de dar voz às mulheres, através de entrevistas biográficas, partindo de uma primeira geração nascida na primeira década do século XX, passando pela segunda geração da década de 40 para chegar a uma terceira, com mulheres-netas nascidas entre 1966 e 1974. Essa parte do primeiro capítulo constitui, na verdade, uma narrativa autobiográfica em que a pesquisadora refaz seu próprio itinerário, justificando-o.

No capítulo 2, Burlamaque valoriza o enfoque da história cultural, que vê o cotidiano como elemento fundamental para a produção acadêmica, e cita De Certeau para comprovar que “um prazer de contar encontra pertinência científica” (p.75). Quando se refere a Chartier, enfatiza a importância que o pensador dá às apropriações e às mediações na história da leitura (p.72), enquadramento no qual a pesquisadora insere o delineamento dos perfis socioeconômicos e culturais das leitoras de Passo Fundo.

Começa nesse ponto da tese a mistura das vozes. Burlamaque assume a enunciação condutora, mas deixa vazar em seu texto expressões coloquiais constantes, das quais vai tirando conclusões sobre a personalidade, o espaço sociocultural e a visão de mundo das depoentes. Um parágrafo, o segundo do primeiro perfil, mostra bem a fusão de vozes:

Depois de casada, viu-se “obrigada a ler”, pois o marido lia variados tipos de textos e comentava-os com ela. “Aos poucos”, graças à mediação do marido e para “acompanhá-lo nas conversas”, foi “tomando gosto pela leitura”, dando preferência a textos biográficos ou históricos, em que ainda predominava a herança familiar de “só ler o que é verdade” (p.77)

O amadurecimento literário da primeira entrevistada é uma conclusão da pesquisadora diretamente retirada da frase de Alice: “Agora, hoje em dia, eu persigo o Machado de Assis”.

A mesclagem lingüística dá às falas das mulheres o *status* de se tornarem parte do texto científico em construção. Além de refazer o contexto de época, a apropriação de termos e expressões hoje pouco usados compõe o texto da pesquisadora, fornecendo-lhe

instrumentais lingüísticos originais, que chamam a atenção dos leitores para uma construção que difere das comumente encontradas em teses de doutorado. O que a princípio poderia ser lido como exotismo complacente se torna, com o desenrolar do trabalho, uma estratégia diferenciadora, capaz de estabelecer simultaneamente uma cumplicidade e um olhar mais arguto com relação aos sujeitos pesquisados.

Os discursos diretos mais longos aparecem apenas na parte do segundo capítulo em que Burlamaque trata das relações familiares. Entremeada de fotos de família, aliás como toda a tese, essa parte deixa as enunciações em destaque, como se em cada fala houvesse maior fidelidade ao retrato cultural que atravessa as três gerações femininas. Em quinze páginas, apenas três não trazem o discurso direto das mulheres. A diferença na apresentação gráfica das citações é o maior distanciamento visível entre as vozes, pois a pesquisadora emenda suas conclusões aos relatos, de modo a compor um contraponto científico que se costura à vida narrada. Como exemplo, o procedimento das páginas 110 e 111:

Alice procurou incentivar a prática leitora da filha, pois, após seu matrimônio, passou a valorizar a leitura como bem cultural. Assim, utilizou várias técnicas para estimular esse hábito, desde a contação dos tradicionais contos de fadas, nos quais inseria personagens do contexto histórico, à leitura comentada por mãe e filha, de diferentes autores e livros escolhidos pela mãe:

Eu contava muitas histórias, e tinha uma imaginação muito fértil, eu gostava de inventar histórias, uma de minhas filhas nasceu em 1943, no tempo da guerra e em 1946 nasceu a outra e aí eu tinha a volta do expedicionário e eu não escrevia nada, contava de cabeça(...) (Depoimento da mãe, Alice)

A mãe selecionava os livros conforme a idade. Ela dizia para nós aqueles lá são proibidos, ainda não tens idade para ler. Aí, de madrugada, eu ia buscar aquele para ler [...]Era terminantemente proibida a entrada de história em quadrinhos na minha casa(...)Daí eu lia na casa das minhas amigas, às vezes levava para casa escondido, para ler trancada no quarto, ela descobria e rasgava (Depoimento da filha, Celi)

No capítulo 3, “A formação da mulher e suas práticas leitoras”, o discurso indireto predomina. Trata-se de um capítulo que resgata os tipos de impressos que circularam nas

diferentes épocas, especialmente no contexto escolar. Fruto de uma síntese de diversos trechos de relatos, essa parte se detém na análise dos suportes e das instâncias mediadoras não parentais, como a escola. Porém, no capítulo 4, dedicado aos espaços de leitura, voltam a surgir com frequência as falas dos sujeitos pesquisados, narrando experiências vividas em casa, na escola, na igreja, depois em livrarias, com ênfase na segunda instituição, a escola, sendo especialmente destacada a biblioteca escolar como era vista e vivenciada pelas adolescentes, em suas lembranças.

No último capítulo da tese, Burlamaque reproduz práticas culturais e sociais das mulheres das três gerações, mostrando como vão se inserindo no mercado de trabalho, primeiramente como professoras, depois como comerciantes, bancárias, psicólogas, como encaram a conquista do voto, como experimentam a troca do piano pelo cinema e pelo *footing*, na maior parte das vezes a partir de suas próprias falas. A conclusão importante é a de que o mundo feminino, hoje mais liberado pela família para diversas práticas culturais, não dá a mesma importância à leitura, buscando outras formas de entretenimento e formação.

A tese de Fabiane Burlamaque se constrói polifonicamente no sentido bakhtiniano, pois há uma coordenação de diferentes vozes, fazendo de um gênero científico um gênero híbrido, em que o cotidiano surge com a força de seu discurso próprio, sem prestar-se a subordinações instrumentais ou metodológicas. A teoria se reduz, em nome da presença concreta das práticas culturais feitas textos e respeitadas como textos, com valor de verdade. Em vez de dialogar com textos escritos de grandes pensadores que supostamente dariam legitimidade científica maior a seu trabalho, a opção da pesquisadora, sem ignorar seus mestres, é pelo universo dos sujeitos pesquisados, ouvidos e lidos como sujeitos de enunciações diferentes, e não como objetos de uma enunciação científica entre pares. Fica, nesta época de fragmentações, quebras de fronteiras e mistura entre gêneros, mais um exemplo de produção transdisciplinar que se manifesta formalmente no nível axiológico da academia.

A tese de Aracy Alves Martins apresenta outras estratégias de coordenação interdiscursiva. Mesmo se contrapondo ao receio de Nóvoa, com relação aos perigos da autobiografia em pesquisas científicas, podemos verificar que ela dá um espaço a enunciações de pesquisadores semelhante às dos professores. Na página 32, insiste na importância de

“ouvir a voz dos pesquisadores importantes nessa área de estudos sobre a vida dos professores”. Entretanto, que pesquisadores vai ouvir? Logo na página seguinte, cita Goodson na coletânea organizada por Nóvoa (1992), que defende a necessidade de se “ouvir a voz dos professores”, “surpreender a voz dos professores”. Opta por Ginzburg (1989), com seu paradigma indiciário, que exige atenção a pistas sutis presentes nas falas. Em Chartier (1990), busca a legitimação metodológica da observação direta de comportamentos espontâneos, pois o que ela faz é ultrapassar o mundo da escola para acompanhar os sujeitos em seu cotidiano, em sua trajetória pessoal.

Na parte referente a “um modo de pesquisar”, a narração ocupa cinco páginas de nove, mais da metade da caracterização metodológica do trabalho. Entretanto, o que diferencia a tese de Aracy Martins da de Fabiane Burlamaque é uma espécie de cumplicidade que esta se permite, por focalizar toda a vida cultural da cidade em que as mulheres viveram e vivem, sem negar que se trata de sua própria cidade. Enquanto a narração de Aracy é contida, tentando assumir uma certa objetividade que afasta o tom de envolvimento personificado, a de Burlamaque hibridiza de fato os gêneros discursivos, a ponto de fundir às vezes as enunciações.

Há que se levar em conta o fato de que a pesquisa de Aracy Martins focaliza apenas as vidas de professores de português, com sua formação de leitura literária e suas práticas docentes. O modo de narrar dos professores já carrega marcas de passagem para o universo letrado secundário, por contaminação de leituras e de escritas que se afastam do coloquial. O primeiro discurso direto de professores aparece na tese apenas na página 53, e se refere, em lembranças de histórias da infância, a um programa de rádio intitulado “Alice no País das maravilhas”.

Nos limites temáticos da pesquisa, as representações do discurso do outro, no entanto, são constantes, oscilando entre o discurso direto e o indireto. Somando as ocorrências nos cinco capítulos, incluindo introdução e conclusão (294 páginas ao todo), os números se revelam bem altos: 176 ocorrências de representação indireta do discurso narrativo dos professores, mais 151 presenças do discurso direto. As conclusões que a pesquisadora tira diretamente das falas chegam a 107. Por outro lado, a tese de Fabiane Burlamaque traz um segundo volume de aproximadamente 800 páginas, em que se reproduzem integralmente as

entrevistas realizadas. Isso faz com que, em ambos os casos, a contenção científica revele sua face, no diálogo com o saber narrativo dos sujeitos.

A comparação entre os dois trabalhos, o de Fabiane Burlamaque e o de Aracy Martins, torna o quadro de hibridização mais complexo do que parecia a um primeiro exame. Não se procede do mesmo modo quando se tende a hibridizar saberes e discursos num trabalho científico. A consideração do discurso do outro em condições de igualdade e não de subordinação vai depender do grau de distanciamento ou aproximação existente entre os lugares de enunciação do pesquisador e dos sujeitos pesquisados. O grau de alteridade pode levar a uma coordenação mais evidente, que torna a interdiscursividade, ou melhor, o deslocamento do lugar de enunciação do pesquisador, mais radical. Se o outro é também professor, sua história de vida pode ser narrada numa enunciação mediada, sem exigir do pesquisador o mesmo deslocamento. De qualquer modo, é necessário que se leve em conta a predominância da relação de coordenação entre enunciações que apresentam diferentes saberes em diferentes organizações textuais e discursivas. Não se trata de subordinar um discurso a outro, não se trata de um uso, mas da assunção de um caráter dialógico de extrema dificuldade no texto científico – a tese - mais legitimado no contexto acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1979;
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992;
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Le Seuil, 1957;
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, J. & FERREIRA, M. (Org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1986;
- BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001;
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. (Tese de Doutorado em Letras) *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura*. Porto Alegre: PUCRS, 2003;
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil;

GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;

KRISTEVA, Julia. *Semiotiké. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Le Seuil, 1969;

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967;

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989;

MARTINS, Aracy Alves (Tese de Doutorado em Educação). *Escolarização da literatura entre ensino e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2000;

NÓVOA, António(org). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992;

VYGOSTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987